

Importante, majestosa e invejadaⁱ:

O destaque de Isabel Valença nas transformações do carnaval carioca na década de 1960

Important, majestic and envied: Isabel Valença's highlight in the transformations in Rio's carnival in the 1960's

JOÃO GUSTAVO MARTINS MELO DE SOUSA

Doutorando e Mestre em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ), e graduado em Comunicação Social (jornalismo) pela Universidade Federal do Ceará.
gustavomelo.cultura@gmail.com

LEONARDO DOS SANTOS ANTAN

Historiador da arte, curador e escritor. Graduado e mestre em História pela UERJ. É editor do projeto multiplataforma Carnavalize, que realiza eventos voltados à história do carnaval. Publicou, em 2021, o livro "Laroyê Xica da Silva" e o catálogo "Sal60: uma revolução em vermelho, branco e negro".
leonardoantan@gmail.com

RESUMO: Abordamos neste artigo o nome da desfilante Isabel Valença, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, como uma das protagonistas da folia num período de transformações do carnaval carioca e a sua importância para a fixação de um imaginário sobre o conceito de destaque no universo das escolas de samba. Ela se tornaria uma das principais personalidades dos desfiles das escolas de samba, especialmente após ser um dos nomes mais celebrados no desfile do Salgueiro, em 1963, cujo enredo era “Xica da Silva”. Destacamos a intensa presença de Isabel Valença nas páginas de periódicos antes e depois do carnaval de 1963, ano em que o Salgueiro se sagrou campeão com o enredo “Xica da Silva”. Vamos falar ainda da vitória da destaque no concurso de fantasias carnavalescas do Theatro Municipal, em 1964, fato que abriu as fronteiras para um fluxo de participações dos concorrentes das passarelas nos desfiles das avenidas. Tais fenômenos são importantes para entendermos como Isabel Valença foi fundamental para a consolidação do conceito de destaque no carnaval carioca.

PALAVRAS-CHAVE: carnaval carioca, cultura popular e escola de samba.

ABSTRACT: In this article, we discuss the name of Isabel Valença, from Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, as one of the protagonists of the revelry in a period of transformations in carioca carnival and its importance for the fixation of an imaginary about the concept of prominence in the universe of the samba schools. She would become one of the main personalities of the samba schools parades, especially after being one of the most celebrated names in the Salgueiro parade in 1963, whose plot was “Xica da Silva”. We highlight the intense presence of Isabel Valença in the pages of periodicals before and after the 1963 carnival, the year in which Salgueiro became champion with the plot “Xica da Silva”. We will also talk about her victory in the Theatro Municipal Carnival costumes contest, in 1964, a fact that opened the frontiers for a flow of participation from the competitors on the catwalks in the parades on the avenues. Such phenomena are important for us to understand how Isabel Valença was fundamental for the consolidation of the concept of prominence in the carioca carnival.

KEYWORDS: carnival of Rio de Janeiro, popular culture, samba school.

1. Introdução

A rua Pereira Nunes, em Vila Isabel, estava em polvorosa. Uma pequena multidão cercava a humilde casa de muro baixo, pela janela aberta uma mulher de vestes simples não entendia bem o que acontecia. Aos poucos, todos começaram a cantar, num coro, o samba-enredo dos Acadêmicos do Salgueiro do recém acontecido carnaval de 1963. Era primeiro de março daquele mesmo ano, foi quando o telefone tocou e a dona de casa ouviu a voz do marido Osmar aos berros: “Ganhamos, meu amor! O Salgueiro é campeão finalmente! E sem você não teríamos a Xica da Silvaii!”. A partir daquele dia, Isabel foi rebatizada para sempre. Agora toda vez que passeava para ir à feira ou à padaria, só ouvia: “Xica”, “lá vai a Xica”, “Xica do Salgueiro”. A Xica da Silva.iii

A dona de casa havia representado o papel da personagem título do enredo do GRES Acadêmicos do Salgueiro de 1963, criado e desenvolvido pelo cenógrafo do Teatro Municipal Arlindo Rodrigues. A repercussão de Isabel ao representar a ex-escravizada seria enorme, ainda mais com o título conquistado pela escola de samba presidida pelo seu marido, Osmar Valença. Ela, de origem tão simples, se sentia uma rainha mesmo, tal qual fora Francisca em Diamantina.

Apesar de ter pulado carnaval a vida toda, Isabel sentiu uma sensação diferente naquela folia. Ao vestir a roupa vermelha e branca e seus pomposos adornos, sentiu que algo havia mudado. Assim como os versos de Noel Rosa de Oliveira e Anescarzinho traduziram no samba-enredo da agremiação com sede no bairro da Tijuca, Isabel “sentiu forte transformação”, não ao trocar a senzala pelos salões, mas por sair da sua vida cotidiana para as páginas dos jornais e revistas. A partir daquele ano,

a companheira de Osmar se tornaria uma celebridade da folia carioca, concedendo entrevistas para importantes veículos de comunicação, sempre referida como “Xica da Silva”.

Personagem fundamental de um período de transformação das escolas de samba, Isabel se constituiu como uma agente ativa do período considerado como a “Revolução Salgueirense”^{iv}. Ao transformar-se num perfil admirado e celebrado na mídia da época, ajudou a consolidar a imagem da agremiação de cores vermelho e branca como revolucionária e admirada pela classe média carioca. Ela se tornaria o rosto de uma escola campeã e integrada ao gosto de uma camada de intelectuais da cidade, despertando o interesse de público e crítica. Sua imagem muitas vezes ajudou a representar um período de transformações e popularizações das agremiações ao ocupar esse papel de “destaque”^v, sua atuação ajudou ainda a definir um novo papel na linguagem dos cortejos cariocas. É sobre esses tópicos que reivindicam protagonismo para uma figura feminina negra que se tornou uma das celebridades mais famosas no período carnavalesco nas décadas de 1960 e 1970.

Afinal, que lugares uma mulher negra pode ocupar no carnaval carioca? E quais são as memórias acionadas em relação a Isabel e Xica da Silva após todos esses anos?

2. Preta que virou rainha: a imagem símbolo de um carnaval em transformação

Figura 1: Isabel Valença como Xica da Silva no desfile dos Acadêmicos do Salgueiro em 1963



Tendo a imponente fachada da igreja da Candelária como cenário, Isabel se tornou a componente de escola de samba mais fotografada daquele carnaval de 1963. A mulher de pouco mais de um metro e sessenta se tornava uma gigante, atraindo todos os olhares do público e da imprensa. O figurino de Arlindo Rodrigues e confeccionado por Carlos Gil se fundiu a imagem e a presença forte da sua intérprete.

Isabel Valença se revelou uma personagem simbólica no quadro de transformações estéticas e ideológicas que o Salgueiro buscava adotar. Sua trajetória conferiu-lhe uma aura mítica, sendo lembrada até os dias atuais nas narrativas dos jornalistas e antigos componentes do Salgueiro (FARIA, 2014). A Xica de Isabel se consolidaria como a grande de imagem de um evento artístico e que se popularizava cada vez mais e se transformava, tornando não só Xica e Isabel mais conhecidas, mas também os Acadêmicos do Salgueiro como uma agremiação “diferente”. Para o Jornal do Brasil (28/02/1963), o “Salgueiro era assunto único,

correndo de boca em boca, por toda a extensão da Presidente Vargas, onde se desenrolava o desfile que era o estouro de 63”. A matéria destacava ainda que o público não havia causado nenhuma confusão ou briga e que a maior parte das arquibancadas era ocupada por turistas, que se disseram satisfeitos com o espetáculo e não encontraram grandes dificuldades para ver os desfiles. Não só pela força artística, como desenvolveremos a seguir, o desfile “Xica da Silva” se tornaria ainda mais emblemático e ganharia mais notoriedade por coincidir com um ano exemplar na organização dos cortejos, fato incomum em relação ao que acontecia nos outros anos^{vi}. Essa sinergia fez da apresentação o ponto alto de comercialização e espetacularização dos desfiles até então, exatamente por unir o apuro estético almejado para uma manifestação cultural do porte que se pretendia, com o sucesso de logística e estrutura. O palco do cortejo de 1963 marcaria “o primeiro realizado na Avenida Presidente Vargas, nos moldes em que permaneceu durante todos os anos 60 e parte dos 70, com as interrupções provocadas pelas obras do Metrô” (CABRAL, 2011, p. 136)^{vii}.

Naquele momento, as escolas são grandes beneficiárias do investimento público dirigido à promoção do carnaval carioca. Tratada como grande evento turístico mundial, a festa organizada pela cidade do Rio de Janeiro apresentava, pela primeira vez, um espaço grandioso, decorado especialmente para os dias de folia, com grandes arquibancadas para acomodar uma plateia cada vez mais interessada em admirar o espetáculo (FERREIRA, 2012, p. 137). Trate-se de um processo que havia começado há pelo menos seis anos, quando em 1957, houve a realização do concurso na Avenida Rio Branco, o que já marcava uma aproximação das agremiações com uma classe média e o aumento paulatino do prestígio junto à imprensa, que atuou junto ao Departamento de Turismo na sugestão da privatização e/ou transferência de seus desfiles para logradouros que conviessem à sua “beleza alegórica”, a despeito dos desejos dos brincantes envolvidos (BEZERRA, 2015, p. 169). O aumento desse interesse parecia chegar ao seu ápice em 1963, já que após

múltiplas confusões e acúmulo de público, o espaço da Rio Branco parecia pequeno para ocupar as escolas. A transferência se deu após o fracasso da primeira tentativa de montar arquibancadas e comercializar ingressos para os desfiles em 1962, o que deixou clara a necessidade de um espaço maior, “atendendo à busca de financiamento para o carnaval e às demandas reiteradas da imprensa”. (BEZERRA, 2016, p. 35)

Como destacam Kiffer e Ferreira (2015), a chamada “invasão da classe média” significava um momento de popularização dos cortejos carnavalescos e um diálogo com um público que ainda não havia se interessado pelos cortejos até então. Sérgio Cabral (2011, p. 187) aponta que “até o final da década de 1950, a plateia era formada predominantemente por representantes das comunidades das escolas de samba”. Somente após “o início dos anos 60, observava-se o interesse cada vez maior de um público de classe média vindo da Zona Sul do Rio de Janeiro”.

É interessante notar o duplo movimento que caracteriza esse momento de afirmação social das escolas de samba. Se, por um lado, eles passam a ser valorizadas como representantes da verdadeira cultura popular, por outra essa valorização propicia e incentiva a participação de outras camadas da sociedade nas escolas. A partir daí as escolas se ressignificariam como lugares importantes da chamada cultura popular brasileira. É dentro desse contexto que o GRES Acadêmicos do Salgueiro busca se estabelecer na folia.

O grêmio, criado em 1953, buscava conquistar seu primeiro título a partir de um forte diálogo com esse novo público que se formava. Um exemplo disso é a atuação de Nelson de Andrade na escola da Tijuca. Homem branco de classe média, o dirigente foi um importante mediador cultural que ajudaria a forjar a uma identidade para o Salgueiro. O lema que ajudou a criar para a agremiação resume a iniciativa: “Nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente”. Foi sobre essa premissa da inovação

que a vermelho e branco se diferenciou frente às grandes rivais do período. Para isso, Nelson teve um foco em agradar o júri na busca pelo título inédito. Se o corpo de jurados era formado em sua maioria por uma elite intelectual branca, nada mais natural que convidar esses avaliadores para desenvolver o carnaval da agremiação na busca por boas notas. Foi assim que o dirigente convidou a folclorista Marie Louise Nery, depois dela atuar como jurada na folia anterior. para formular junto ao seu marido o enredo sobre Jean-Baptiste Debret em 1959.

Ao falar da obra do pintor francês, o trio idealizador do desfile optou por uma linguagem que já articulava uma série de elementos visuais e narrativas que buscavam apresentar novidades para conquistar o júri da competição carnavalesca. Nota-se uma tentativa de teatralização, com uso de figurinos históricos e momentos coreográficas. O desfile sobre Debret encantaria o então jurado Fernando Pamplona e o levaria a assinar o carnaval do Salgueiro no ano seguinte, convidado por Nelson de Andrade. Assim surgiria o enredo Quilombo do Palmares (1960), que marcaria uma reviravolta definitiva nos rumos das escolas de samba. Conhecido como o primeiro desfile de temática africanaviii, a apresentação trouxe os ideais do movimento folclorista (VILHENA, 1997) pelo qual Pamplona foi influenciado, por meio de figuras como Edison Carneiro.

A narrativa sobre o lugar de resistência negra no período colonial trouxe uma série de contatos com movimentos sociais do período. A busca por uma narrativa que valorizasse a figura do negro como personagem ativo da História estava em diálogo com intelectuais como Abdias Nascimento e Solano Trindade. O mesmo objetivo aparece também ao resgatar Xica da Silva. A história da negra escravizada que foi alforriada por sua união com o contratador João Fernandes de Oliveira, habitante do antigo Arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina, nas Minas Gerais do Século XVIII, transformou a personagem conhecida nacionalmente e reuniu elementos que consolidaram a atuação desses times de artistas e intelectuais que

compunham o corpo da agremiação, como Nelson, Pamplona e muitos outros, como Paula do Salgueiro, Anescarzinho e Noel Rosa de Oliveira.

O cortejo, assinado pelo cenógrafo e figurinista Arlindo Rodrigues, traria uma série de elementos vistos como inovadores e que cristalizariam um processo de transformação definitiva na gramática das apresentações carnavalescas, elementos que respondiam muito bem à nova espacialidade dos desfiles que ganhavam um palco ainda mais espetacular, a Avenida Presidente Vargas, e também à série de anseios e expectativas tanto dos seus pares intelectuais, como da mídia, bem como de “um novo contingente de espectadores interessada em consumir esse espetáculo” (CABRAL, 2011, p. 208). Assim, “Xica da Silva é o ponto culminante da história de uma escola que já nasceu grande” (BRUNO, 2013, p. 37).

Como destaca Cabral (2011, p. 208), “até então, os desfiles do Salgueiro não incomodavam tanto as suas rivais, mas naquele ano, a escola venceu graças às suas novidades”. Essas novidades apresentadas são materializadas, por exemplo, na ala que dançava o minueto, coreografa por Mercedes Baptista. Os doze casais emoldurados por uma alegoria que representava o “Teatro Xica da Silva” ajudavam a marcar o contextualizar o tempo histórico em que o enredo se passava. Foi por meio desses elementos que Arlindo construiu uma narrativa literária linear, que seria refletida nos elementos visuais. A trajetória de Xica era desenvolvida em três setores: “As origens de Xica”, o “casamento com João Fernandes” e os “Caprichos da mulata” (COSTA, 1984).

O próprio figurino usado por Isabel bebia de uma série de referências que buscavam se aproximar de um figurino do século XVIII, como as mangas nos cotovelos, as perucas com cachos, a abertura na frente, barrada com enfeites, deixando aparecer a anágua, que era quase sempre acolchoada e fartamente rebordada, mais rica que a própria saia (MIRANDA, 2016, p. 319).

No contexto em que o visual buscava se estabelecer de modo definitivo, as escolas de samba teriam na encarnação de Xica de Silva uma das primeiras “imagens” produzidas por uma escola de samba a se fixar no imaginário popular e a ser explorado por aquela manifestação. Tornou-se ícone não só da popularização das escolas junto à sociedade como um todo, mas também cânone a ser reinterpretado e reinventado por quem pensou a personagem mineira posteriormente.

Na construção de Xica enquanto personagem da cultura de massa brasileira, Isabel Valença, como componente de uma escola de samba, mostrava o papel protagonista dessa manifestação como catalizadoras dos costumes e desejos de sua época, bem como lugares de ressignificação e construção de símbolos e personagens potentes. Por meio dessa luxuosa fantasia, a destaque deu vida não apenas à “Xica-que-mandax”, mas resgatou a própria essência de impulsos e desvarios da negra mineira, dando à luz a processo de mimetismo entre personagem e intérprete. Apesar do rosto e do corpo físico de Isabel estarem nas imagens, a dona de casa havia se transfigurado em uma espécie de “médium” que manifestou e se fundiu na imagem da homenageada. A mulher negra escravizada não só se tornou personagem mística graças ao desfile, mas também acabou sendo impregnada por um lastro carnavalesco que seria apropriado por leituras vindouras. A partir do desfile, surge no imaginário popular uma Xica exuberante, majestosa, localizada nos termos de carnavalização propostos por Bakhtin (1987) e no lugar da festa como ressignificação.

A Xica da Silva, vivida por Isabel, se mostrou no cortejo como uma mulher exuberante e carnavalesca que encanta a sociedade com sua beleza. Nesse sentido, Arlindo de distanciaria da imagem descrita pelo historiador Joaquim Felício dos Santos em “Memórias do distrito diamantino” que descreveu a personagem como “sem beleza ou atrativos que pudesse justificar uma forte paixão” (SANTOS, 1978, p. 170), mas se

aproximaria do clima majestoso descrito nos poemas de Cecília Meireles em “Romanceiro da Inconfidência”. Em textos, em que a poeta constrói uma imagem de Xica da Silva elegante e altiva. Uma verdadeira rainha do Tijuco, que era acompanhada por escravas e mordomos que a seguiam “como um rio”. Afinal, ela era a “Xica-que-manda”.

Apropriada como símbolo discursivo e transgressor em vários elementos do desfile, a história da escravizada ganhou ares de lenda na representação opulenta de Arlindo Rodrigues: grandes imagens que se inspiravam em uma estética europeia, ligadas às óperas do Teatro Municipal. Os veículos de comunicação laurearam Isabel Valença como um dos símbolos do título salgueirense. A edição do jornal Correio da Manhã (02/03/1963) destacou que “Isabel foi Chica da Silva, figura principal do enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, campeã neste carnaval-63. A ela, portanto, pertencem também os aplausos e a emoção coletiva que a escola despertou à sua passagem. (...) Isabel foi a grande vedete do carnaval e dos desfiles pelas ruas.”

O interesse despertado em torno do nome de Isabel Valença também se dava pelo fetiche em torno das cifras investidas na confecção da fantasia transformando Isabel numa própria metáfora da história da escravizada que conquista os salões. Costa (1984, p.131) revela números que dão a dimensão do requinte do traje usado por Isabel, foram mais de 1.350 cruzeirosxi, pesando mais de 25 quilos, cauda de 3 metros, uma infinidade de paetês, cristais, pérolas e pedras semipreciosas, além da imponente peruca de fio de nylon francês medindo cinquenta e cinco centímetrosxii.

A ostentação dos recursos financeiros investidos nas agremiações que desfilava a olhos vistos na Avenida tornou-se uma questão relevante no discurso sobre as escolas de samba. A excentricidade e a opulência visual das agremiações passam a despertar o interesse do público e da imprensa. Se, desde sua fundação, as escolas de samba já apresentavam

um imaginário da realeza europeia, Xica, ao mesmo tempo que se inseria nesse legado por seu aspecto majestoso, também o romperia.

O luxo de Xica era subversivo, pois era dado aos excluídos. Xica era retrato da vitória negra em linguagem europeia. Em uma sociedade altamente hierarquizada, projetar-se enquanto ‘rei’ e ‘rainha’ é um ato cuja força é efêmera” (DA MATTA, 1986, p. 79), onde o carnaval surge como possibilidade utópica de mudar sua posição na estrutura social, de realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade. Nesse sentido, Isabel performou um lugar que não era dado a ela. Isabel é síntese e contradição da própria Xica, que precisou se embranquecer para ser aceita. Ainda assim, Isabel materializou a própria história da Xica. Sem dúvidas, o impacto dessa representação positiva de ser negra influenciou tantos os desfilantes do Salgueiro, mas todo o público que assistia o cortejo. Ao passo que produziu importante subjetividade nessas pessoas, também foi cooptado pelo mercado e pela mídia com um importante produto de valor, que lugar ocupava o corpo negro de Isabel sendo transformado em produto pela grande mídia?

3. “As festas da Xica-que-manda deslumbravam a sociedade local^{xiii}”: Isabel em muitas páginas

Nascida no bairro de Vila Isabel, zona norte carioca, a destaque dos Acadêmicos do Salgueiro, agremiação fundada em 5 de março de 1953, tinha uma forte ligação com o carnaval desde a infância, ao desfilar ao lado da mãe e dos irmãos na escola de samba Deixa Malhar, agremiação criada por Elói Antero Dias – o Mano Elóxiv. A Deixa Malhar reunia sambistas de uma região localizada nas proximidades da Praça Varnhagen, um dos redutos boêmios da área localizada entre os bairros da Tijuca e Vila Isabel.

Depois de casar-se com Osmar Valença, que futuramente viria a ser presidente e patrono dos Acadêmicos do Salgueiro, Isabel parou de desfilar, embora fizesse questão de que o marido a levasse para assistir aos desfiles das escolas de samba nos carnavais do final dos anos 1950 e início dos 60. Foi assim que em 1961, a convite do diretor de harmonia Casemiro Calça Larga, ela foi convidada a sair no Salgueiro, que iria apresentar o enredo “Aleijadinho”. Naquele ano, Osmar e Isabel se aproximaram definitivamente da comunidade salgueirense. No carnaval seguinte, Osmar se tornaria presidente da escola, efetivando um apoio que já se insinuava há alguns carnavais.

No desfile de 1962, Isabel Valença, já como primeira-dama do Salgueiro, encarnou, na Avenida Rio Branco, local onde até então ocorriam os desfiles do grupo principal das escolas de samba cariocas, a personagem “Dona Maria, rainha de Portugal”, no enredo “O descobrimento do Brasil”, assinado por Arlindo Rodrigues, conforme podemos observar na imagem abaixo. Isabel representou a soberana lusitana que reinava ao lado de Dom Manuel na época dos grandes descobrimentos.

Figura 2: Isabel Valença como Dona Maria, Rainha de Portugal



Fonte: Acervo Diretoria Cultural G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro.

Essa foi a trajetória de Isabel até 1963, quando foi laureada pelos veículos de comunicação como um dos símbolos do título salgueirense. De acordo com Bruno (2013, p. 182), Isabel Valença rompeu as fronteiras da Avenida transformando-se “em um símbolo vivo do Salgueiro” e, acrescentamos, do próprio carnaval das escolas de samba. Matérias como a publicado no Correio da Manhã de 2 de março de 1963 (2º Caderno, p. 4) destacou que

Isabel foi Chica da Silva, figura principal do enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, campeã neste carnaval-63. A ela, portanto, pertencem também os aplausos e a emoção coletiva que a escola despertou à sua passagem. (...) Isabel foi a grande *vedette* do carnaval e dos desfiles pelas ruas, com sua fantasia

magnífica realizada pelo costureiro Carlos Gil, através do desenho de Arlindo Rodrigues.

Após confirmada a vitória da escola naquele carnaval, o trecho em frente à casa na rua Pereira Nunes, onde morava o casal Valença, teve que ser interditado devido à quantidade de pessoas que foram até lá para ver de perto a Xica da Silva. “Isabel Valença, que representou a figura da negra Chica da Silva, no desfile do Salgueiro, foi visitada por mais de cinco mil pessoas entusiasmadas com a vitória. (...) O volume de pessoas desviou o tráfego” destaca o jornal Última Hora de 2 de março de 1963 (p. 12).

Os fatores que explicam esse fenômeno da atração midiática podem estar na forma como é contada a história de Isabel Valença em relação à fantasia daquele ano: uma sequência de situações que se assemelhavam a uma jornada típica de heroína de uma narrativa épica. Costa (1984) assim descreve parte dessa saga vivida por Isabel Valença para encarnar a personagem Xica da Silva:

Inicialmente, aliás, a Chica era para ser representada pela atriz Zélia Hoffman, famosa vencedora dos concursos de fantasia do Theatro Municipal, na época muito divulgada pela televisão graças à personagem Maria Teresa, mulher do Coronel Limoeiro, inesquecível criação do humorista Chico Anísio. Ao ver os figurinos levados por Osmar Valença para que ela escolhesse com qual queria sair, Zélia optou por uma fantasia mais leve, com muitas plumas e pouco tecido. Osmar pensou nela (Zélia Hoffman) porque Isabel tinha feito obrigação para Iansã e Omulu, e não ia brincar o carnaval. Devido à insistência de Arlindo, ela consultou Gamo de Oxum, seu pai de santo, que permitiu, desde que ela fizesse uma nova obrigação, depois, para os mesmos orixás e mais a cabocla Jurema. E assim Isabel tornou-se para sempre Chica da Silva. (p. 132)

Tal mobilização nos dá a dimensão do impacto de Isabel no asfalto da Presidente Vargas, protagonizando um fenômeno raro no carnaval até então: personagem e desfilante se fundiram, simbolicamente, em uma só pessoa. Como destaca Faria (2013, p. 12),

a simbiose entre a personagem e a intérprete, pela força de sua performance e pelos obstáculos sociais vencidos, tal qual da personagem retratada conferiram a Isabel essa dupla personalidade, atribuída pelos componentes da escola e por todos que gravitavam no universo das escolas de samba.

Uma das reportagens que ajudou a criar essa simbiose foi publica na revista O Cruzeiro, em 20 de abril de 1963. A matéria "A mulata que reinou no Tijuco" ajudou a fundir Isabel e Xica, com detalhadas referências históricas que reconstituía a história da personagem mineira, com embasamento e questionava alguns mitos, terminando com o poema de Cecília e uma representação do artista plástico modernista Guignard (1896). Destacando Isabel como intérprete da personagem, o texto afirmou que a destaque "fez renascer na malemolência do samba do carnaval carioca, a figura verdadeira de outra Chica da Silva, a que viveu e reino no orgulhoso Tijuco" e terminou afirmando que "glórias e sucessos não mudaram a vida simples de Isabel".

O termo "mulata" que intitula a matéria é um importante de reflexão sobre as figuras de Xica e Isabel, já que as duas são assim denominadas no seu contexto histórico, num processo de apagamento da raça dessas duas mulheres. a palavra "mulata" foi comumente difundida no cotidiano brasileiro desde a colônia. Entretanto, nos dias atuais, o termo é alvo de críticas do movimento negro por sua possível origem associada à "mula", animal nascido entre o cruzamento de diferentes equinos. Há quem reivindique uma origem do árabe mowallad ("filho de árabe e estrangeiro"). Fato é que chamar uma mulher negra de "mulata"

carregava todo um estigma associado à sexualização do corpo negro feminino, do qual o carnaval possui certa parcela de responsabilidade, como aponta Gonzales (2020) em "Racismo e sexismo na cultura brasileira". Já Kilomba (2019, p.19) defende que esses "termos foram criados durante os projetos europeus de escravatura e colonização, intimamente ligados às suas políticas de controle de reprodução e proibição do cruzamento de raças reduzindo as novas identidades a uma nomenclatura animal, isto é, à condição de animal irracional, impuro."

Isabel se constrói como uma das poucas personagens femininas negras do carnaval que não tem sua imagem sexualizada ao longo da história. As figuras femininas no imaginário do samba, quase sempre ocupam um lugar de exploração sexual ou então um campo simbólico ligado a "maternidade", como as "tias" e "donas" comuns na história do ritmo, marcando assim os dois lugares possíveis a serem ocupados pela mulher negra historicamente no imaginário comum.

Mas ainda mesmo que a sua imagem fosse quase sempre retratada como positiva na mídia, matérias racistas foram também veiculadas a seu respeito. O caso mais emblemático é o da revista norte-americana Time que trouxe a imagem principal da esposa de Osmar Valença experimentando a peruca adornada em pérolas. No texto, o redator associava o ambiente carnavalesco à marginalidade: "A extravagância do Salgueiro teria custado 140 mil dólares, mais do que os salários mensais de todos os membros da escola. O dinheiro vem de economias, pequenos assaltos, da prostituição, de bebidas vendidas nos ensaios"^{xv} (COSTA, 1984, p. 134).

Foi nesse contexto que o Salgueiro conquistou visibilidade com o desfile que, meses depois do carnaval, continuava a ser comentado. A vermelha e branca, assim como Isabel, tornou-se uma atração para bailes, eventos privados e até ações oficiais em campeonatos esportivos. Foi um ano com uma agenda lotada, que incluiu "abertura do campeonato mundial de

basquete no Maracanãzinho a um desfile de blocos em Salvador; de corrida de cavalos no Jóquei à inauguração de loja no interior”. (BRUNO, 2013, p. 184)

Uma das participações com ampla cobertura dos veículos de comunicação foi o “Baile de Aleluia”, realizado no dia 13 de abril de 1963, no Country Club Quitandinha, em Petrópolis. O anúncio, publicado na página 8, da edição do Jornal do Brasil de 5 de abril, estampava a imagem de Isabel Valença se exibindo com a famosa fantasia e chamando a atenção também para o fato de que um evento reuniria pela primeira vez em um palco 300 figurantes da escola campeã de 1963, incluído a ala coreografada por Mercedes Baptista. O evento foi descrito como “verdadeiro show e de teatro de revista que valorizava nosso folclore” (O Cruzeiro, 23/05/63).

A Xica da Silva de Isabel Valença atraiu também o olhar do diretor espanhol Rafael Gil, que veio ao Brasil para a produção hispano-brasileira do filme “Samba”, estrelado pela atriz e cantora Sarita Montiel. Filmado em 1963 e lançado dois anos mais tarde, contando com o próprio Arlindo Rodrigues na equipe, o roteiro girava em torno da costureira Belém Moreira, moradora de um morro carioca que se torna a grande estrela do desfile do Salgueiro ao encarnar Xica da Silva, retratando praticamente a própria trajetória de Isabel. Uma das cenas mais icônicas da produção foi uma reprodução integral do desfile salgueirense daquele ano. O produto cinematográfico marca mais uma esfera de sucesso, internacional, na repercussão da apresentação campeã do Salgueiro.

Além do filme, na cena cultural de 1963 após fevereiro, surgiram uma série de produções usando a história de Xica da Silva como temática. A primeira notícia sobre um desses produtos, um espetáculo teatral, foi publicada pelo Diário de Notícias em 15/03/1963, apontado como “primeira comédia musical brasileira”, o roteiro se inspiraria nos moldes de *My fair lady* e seria escrito por Carmosina Monteiro de Araújo. Dias

depois, em 18/03/1963, um outro espetáculo teatral foi anunciado na coluna “Show” de Ney Machado (se supõe tratar de um show diferente, já que era descrita uma outra equipe, incluindo uma roteirista). O projeto batizado de “Uma tal de Chica da Silva”, teria roteiro de Meira Guimarães, orientada por Carlos Machado, baseado “em meia dúzia de livros”, para estreiar logo após a semana santa daquele ano. A reportagem destaca que a maioria do elenco seria formado por artistas negros e mulatos, com apenas uma artista lusitana que seria responsável por viver uma espécie de rival da personagem título.

Estreando meses depois, o espetáculo contou com a vedete Wanda Morena vivendo a protagonista, além de Grande Otelo e Betty Faria. A descrição da peça foi apresentada na reportagem “Duas Chicas e um show diferente” (O Cruzeiro, 08/06/1963), afirmando que a narrativa se passaria em dois tempos: 1763, época que ilustrava a vida da personagem; e nos dias atuais, quando um hipotético tataraneto do contratador João Fernandes lê as notícias do sucesso de Chica da Silva no carnaval carioca e vem ao Brasil disposto a financiar um espetáculo teatral sobre a personagem.

Encerrando a temporada de espetáculos, o jornal Última Hora, de 08/04/1963, anunciava que a personagem também ocuparia o principal palco da cidade, com estreia marcada para outubro, foi divulgado como o primeiro grande balé brasileiro. O cenário e figurino caberiam a Arlindo Rodrigues, o libreto à Maria Clara Machado e a coreografia à Tatiana Leskova. Em outubro, não se registrou a estreia da empreitada.

É interesse notar a circulação de Xica de Silva em dois universos culturais tão distintos, mostrando que a personagem era bem aceita tanto do lado de uma “cultura oficial”, como da mais “popularesca”. Fato que comprovava essa circulação e prestígio foi a premiação de Arlindo Rodrigues na categoria “teatro” dentro da VII Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1963). A reportagem do Correio da Manhã (03/10/1963)

destaca que o prêmio se deu graças à repercussão do desfile. A premiação marca um incomum reconhecimento das artes institucionalizadas com relação às escolas de samba, reafirmando mais um grande feito da repercussão e prestígio que a apresentação ganhou no universo cultural brasileiro.

O extenso calendário de eventos com a presença dos componentes do Salgueiro e a presença de Xica da Silva na cena cultura carioca serviu para que o desfile se tornasse ainda mais popular e ganhasse uma "áurea mística", contribuindo para reforçar o mito em torno da personagem histórica e de Isabel Valença. No âmbito mais amplo, isso ajudou a fixar o Salgueiro como uma escola inovadora, o que reforçou a percepção das escolas de samba como entidades culturais ligadas à noção de "espetáculo". Isabel se transformou no grande ícone desse processo, tanto que sua fama chegou ao carnaval seguinte, onde sua atuação se consolidou ainda mais.

4. Xica da Silva invade o Municipal: tensões raciais no concurso de fantasia

Se o desfile do Salgueiro no carnaval de 1963 insistia em não sair da memória da cidade, os muitos eventos dos quais os componentes do Salgueiro participaram edificaram uma espécie de ponte simbólica entre os carnavais de Xica da Silva (1963) e Chico-Rey (1964). Com o crescente prestígio após o sucesso de Xica da Silva, Isabel Valença realizou um feito inédito na história do carnaval carioca: a conquista do título de melhor fantasia na categoria luxo feminino no Baile de Gala do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1964. Desde 1963, a inscrição de Isabel no famoso concurso de fantasias de luxo do Teatro Municipal já tinha sido ventilada em reportagem no Correio da Manhã ("Chica da Silva levará samba do morro para o Municipal", 24/02/1963). Sobre o tema, declarou o

costureiro Carlos Gil: “Tão entusiasmado está o artista com sua obra que é seu pensamento, com aquiescência dos diretores da escola, inscrever ‘Chica da Silva’ no concurso do Baile do Municipal”, então considerado um dos eventos mais aguardados do período carnavalesco (FERREIRA, 2004).

É importante ressaltar que a sambista não apresentou no concurso a consagrada fantasia de Xica da Silva, mas o traje com o qual desfilaria no enredo do Salgueiro de 1964, denominada “Rainha Rita de Vila Rica”. A consagração no templo do carnaval da elite serviu como um termômetro que nos indica o grau de interlocução das escolas de samba como manifestação inserida no universo cultural carioca. Mas antes da consagração no Municipal, Isabel Valença sofreria tentativas de desclassificação dos concursos por motivos que desembocam em tensões que iam muito além das questões artísticas.

Sob o título “Preconceito de fantasia no Municipal”, o Jornal do Brasil estampava na capa da edição de 7 de fevereiro de 1964 a notícia de que os organizadores do Concurso de Fantasias do Teatro Municipal negaram a inscrição ontem da fantasia Vila Rica sob o pretexto de que o Teatro não podia admitir fantasias já exibidas em desfiles de rua. No dia seguinte, a direção do Municipal voltou atrás e confirmou a inscrição de Isabel Valença. Segundo Costa (1984), a controvérsia se resolveu por meios políticos.

O governador Carlos Lacerda estava inaugurando uma caixa d’água no morro, quando a professora Sandra Cavalcanti, que fazia parte do seu secretariado, deu-lhe o jornal para ler. Na mesma hora, fazendo uma declaração pelas emissoras de rádio que estavam presentes à cobertura, ele ordenou que fosse aceita a inscrição de Isabel Valença. (p. 141)

Até aquele ano, uma componente de escola de samba jamais havia

concorrido à melhor fantasia no Theatro Municipal. Entretanto, a popularidade de Isabel era tamanha que a recusa da sua inscrição teve grande repercussão na imprensa. E, afinal, a fantasia da destaque não deixava nada a desejar em termos de luxo e opulência aos demais trajes que tradicionalmente se apresentavam no Baile de Gala do Theatro. A fantasia apresentada consumiu, segundo reportagem estampada na capa do Segundo Caderno do jornal Correio da Manhã de 13 de fevereiro de 1964, 100 metros de pluma, 50 metros de strass importado, 20 metros de lamê ouro, 8 metros de lamê prateado, 500 cristais da Tchecoslováquia, além da coroa e da peruca.

Com um rico figurino e o carisma conquistado ao longo do ano, Isabel partiu confiante para fazer história. A façanha foi registrada em detalhes por Costa (1984), contribuindo para alimentar o mito da destaque que cada vez mais se cristalizava como um dos grandes nomes do carnaval.

Como era de hábito, por volta da meia-noite o baile parava para a apresentação das fantasias vitoriosas nas diversas categorias. Na maioria das vezes, os foliões manifestavam uma certa hostilidade, mas naquela noite foi diferente. Quando o coordenador anunciou Isabel Valença com sua fantasia premiada, o salão inteiro, sem que ninguém ordenasse ou comandasse, começou a cantar Chica da Silva. Foi um grande momento, desses que marcam a memória e o sentimento das pessoas. (COSTA, 1984, p. 140)

Mas a aprovação da vitória de Isabel Valença entre as demais concorrentes – que apresentaram fantasias inspiradas na mitologia greco-romana, folclore internacional e personagens da história universal – passou longe do consenso. Segundo Haroldo Costa, a atriz e veterana dos concursos, Wilza Carlaxvi, teria se dirigido em fúria para Osmar Valença, marido de Isabel, e dito: “Negro de escola de samba não pode ganhar no Municipal” (Idem, p. 140). Costa (1984) completa a informação dizendo

que Wilza Carla teria proferido a polêmica frase como um “desabafo impensado” (p. 140), mas segundo o autor, Isabel Valença teria ficado bastante magoada. O tal “desabafo” nos faz levantar questões ligadas ao racismo^{xvii}, manifestado no palco que abrigava figuras conhecidas da alta sociedade carioca, como o caso da própria Wilza Carla.

Para ainda mais ódio dos racistas, o primeiro lugar da fantasia Rainha Rita de Vila Rica ganhou destaque em diversos periódicos – como foi o caso da edição do Correio da Manhã, de 13 de fevereiro de 1964, capa 2º Caderno – e foi classificado pela desfilante como “uma vitória do samba, que após descer o morro e dominar o asfalto, levou também, de vencida, a elite que frequenta a nossa principal casa de espetáculos”.

A conquista no Theatro Municipal e a grande repercussão nas capas e páginas dos periódicos abriu alas para outro fenômeno: se Isabel penetrou num espaço antes destinado à chamada “elite” carioca, os participantes dos concursos de fantasia iriam percorrer o caminho inverso, isto é, migrariam das passarelas para a avenida dos desfiles das escolas de samba. Um fenômeno antecipado pelo jornal Correio da Manhã de 23 de fevereiro de 1964 (p. 2, 4º Caderno) ao prever que “nomes do tradicionais do concurso, como Clóvis Bornay, estariam ano que vem na avenida Presidente Vargas no grande desfile de domingo gordo, ao lado de Isabel Valença”.

A presença de artistas ligados ao Theatro Municipal, unida à participação de uma destaque negra de escola de samba no concurso de fantasia, fazem-nos refletir sobre as circularidades culturais e as disputas em que diversas camadas culturais se misturam em manifestações populares, como no caso do carnaval. Assim, trazemos à reflexão o pensamento de Storey (2015) sobre a cultura na pós-modernidade: “Para quem estuda cultura popular, talvez a consequência mais importante da nova sensibilidade (...) seja sua reivindicação de que a distinção entre “alta” e “baixa” cultura parece cada vez menos significativa” (p. 368). Assim, a

vitória de Isabel no Teatro Municipal marcou um trânsito então inédito na história do carnaval. A edição do Correio da Manhã, de 13 de fevereiro de 1964, reafirmava o acontecimento como “uma vitória do samba, que após descer o morro e dominar o asfalto, levou também, de vencida, a elite que frequenta a nossa principal casa de espetáculos”.

Da passarela da Presidente Vargas para a passarela dos concursos de fantasias, Isabel mais uma vez despertou o interesse dos grandes veículos de comunicação, chegando ainda a estampar a capa da Revista Manchete de 29 de fevereiro de 1964 (Figura 3).

Figura 3: Isabel Valença, com a fantasia Rainha Rita de Vila Rica, ganha destaque também em edição colorida na revista Manchete



Fonte: Revista Manchete, capa, edição número 619, de 29 de fevereiro de 1964

Já a revista *O Cruzeiro* produziu uma entrevista intitulada “Chica da Silva, rainha do povo”, mostrando que mesmo passado um ano após o sucesso da apresentação de 1963, Isabel seguia no imaginário como a eterna “rainha de Diamantina”. Isabel era apresentada como mãe e dona de casa devotada, que não se deixava deslumbrar em meio a fama, mantendo uma vida dentro da normalidade e posou vestindo fantasias que guardava em casa desde sua estreia como destaque, em 1962. A matéria incluiu ainda fotos da celebridade em frente à fachada do histórico teatro inaugurado em 1909.

O episódio da vitória de Isabel Valença no concurso de fantasias do Municipal é, portanto, um ponto de virada na história do carnaval na cidade do Rio de Janeiro. O evento permitiu e catalisou a entrada de uma nova casta de adeptos aos carnavais da Avenida, com a presença de nomes das passarelas que começaram a participar dos desfiles das escolas de samba. Um acontecimento que, entretanto, gerou novas tensões, como veremos em relação ao carnaval de 1965, ano em que as agremiações celebraram, por meio dos seus enredos, o IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.

5. Xica da Silva, versão 1965

Com o enredo “História do Carnaval Carioca – Eneida”, o Salgueiro apresentou na passarela, em 1965, uma espécie de exercício de metalinguagem. “Assim como Shakespeare, em *Hamlet*, contou a história do teatro dentro do teatro, eu vou contar a história do carnaval dentro do carnaval”, disse Fernando Pamplona em entrevista ao documentário “A revolução salgueirense”^{xviii}, produzido em 2013. “Atendendo a uma sugestão das autoridades do Turismo, as escolas de samba decidiram que todos os enredos daquele ano (1965) seriam alusivos ao IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro” (COSTA, 1984, p. 144). Com base nessa

determinação, e inspirada no livro homônimo escrito pela jornalista paraense Eneida de Moraes, a escola celebrou os 400 anos de fundação do Rio de Janeiro por meio da festa mais popular da cidade.

Durante os preparativos para o desfile alimentou-se fortemente um debate que se seguiria por anos: a chamada “invasão” de artistas e figuras da classe média no mundo do samba, fenômeno que, como vimos, ganhou maior impulso no início dos anos 1960. Mas foi em 1965 que a discussão se acalorou. O jornalista e músico Sérgio Bittencourt escreveu na seção “Bom dia, Rio”, do jornal Correio da Manhã, o que ele mesmo intitulou de “Crônica antipática”. Entre diversas acusações contra artistas e dirigentes quanto à descaracterização das escolas de samba, uma em especial nos chama a atenção:

Botaram uma linda mosquinha azul zumbindo no ouvido dessa gente. A televisão, o cinema, Isabel Valença no Municipal, turista se misturando no ensaio geral, reportagem de página inteira, seções inteirinhas dedicadas ao samba nos jornais – tudo isto e mais alguma coisa ajudou a encantar. O homem do morro é, antes de tudo, um deslumbrado. Sua tristeza não é crônica, suas queixas nem sempre perduram. Aprendendo a pedir pouco, ele se habitua ao mínimo: o homem do morro vê, no samba, a oportunidade há tanto perdida de se integrar (BITTENCOURT apud COSTA, 1984, p. 147).

Ou seja, o cronista colocava Isabel no centro da discussão sobre a entrada de elementos “de fora” do universo original das escolas de samba e a integração dos sambistas com outras manifestações culturais da cidade. No mesmo texto, o autor chegou a ameaçar um pedido de anulação do resultado do desfile em defesa do que ele chamou de “luta ou mínimo esforço para a preservação do autêntico” (COSTA, 1984, p. 147). Para Sérgio Bittencourt, a participação de Isabel no concurso de fantasias de

luxo do Theatro Municipal no ano anterior configurou-se como um desvio do que se chama “autenticidade” do samba.

Enquanto a peleja se dava nas páginas dos jornais, outra disputa acontecia nos bastidores da festa de Momo: “Odila do Nascimento, destaque da Portela, saíra de Princesa Isabel, (com fantasia) confeccionada por Evandro de Castro Lima”. Do outro lado, estava “Isabel Valença, cuja réplica de Chica da Silva estava sendo feita em Petrópolis, no ateliê do figurinista Hekel. Cada uma anunciava que sua fantasia seria a mais cara e a mais rica a ser apresentada na avenida” (COSTA, 1984, p. 147-148).

Corroborando esse clima de competição, o Jornal do Brasil de 28/02/1965 trazia a manchete “Desfile das escolas de samba será o mais rico de todos os tempos”. A matéria afirmava que as escolas estariam preparadas como nunca tiveram. Sobre o Salgueiro, a reportagem destacava que a escola “era a grande incógnita do ano, podendo ganhar ou ficar de fora do páreo, segundo os entendidos”. Afirmando que o tema era bastante difícil de ser executado, destacando a presença de Isabel Valença como grande trunfo. E afirmava que a “a mistura esquisita de balé e samba que aconteceu no ano passado não deverá se repetir”. Fato era que a repercussão negativa e toda discussão gerada pela apresentação de 1964 faria o Salgueiro se repensar para aquele carnaval, após o considerado uso excessivo de danças e coreografias.

Na disputa da pista da Presidente Vargas, o título foi para os Acadêmicos do Salgueiro, apostando num visual menos elaborado e com menos coreografias. Ao comentar a apresentação da vermelha e branca naquele ano, o Jornal do Brasil (28/02/1965) afirmava que se tratava de um “grande tema, embora difícil de ser executado”, destacou as fantasias luxuosas e alegorias espetaculares e do maior bom gosto, com destaque para mensagens que serão impressas e jogadas para o público. Afirmava ainda que “as burrinhas causaram grande impacto e Isabel voltou a ser o

grande destaque”. Entre outras matérias que ajudaram a dar mais uma repercussão a um desfile da vermelha e branca, de novo, Isabel foi um dos símbolos da conquista salgueirense.

O Salgueiro ganhou de novo. Chica da Silva virou mito. Virou samba. Virou carnaval. Salgueiro fez dela seu personagem, seu maior destaque (...). Isabel Valença levou luxo, bom gosto, requinte ao samba que desce do morro para brilhar no asfalto cada domingo gordo até de manhãzinha. Isabel é talismã. Salgueiro é campeão. (O GLOBO, 12 de março de 1965, p. 7)

O Jornal do Brasil estampou, na página 7 do Caderno B da edição de 4 de março de 1965, o retorno de Isabel com sua nova fantasia para interpretar a famosa negra do arraial do Tijuco. “Isabel Valença voltou a ser o maior destaque da escola, apresentando uma nova fantasia de Chica da Silva, como sempre muito rica e sempre muito aplaudida”.

É interessante notar a opção da escola do morro do Salgueiro em colocar Xica da Silva como um dos personagens principais da história do carnaval carioca que a própria agremiação contava na Avenida. Em apenas dois anos, a Xica vivida por Isabel foi celebrada – com outra fantasia – como um momento marcante na trajetória do desfile das escolas de samba, sendo, portanto, algo que os carnavalescos julgavam ser de fato memorável. Em entrevista ao Jornal do Brasil (13/08/1964) sobre os preparativos do desfile, Fernando Pamplona afirmou que “Chica da Silva era personagem que o Salgueiro fez se identificar com o samba”, justificando a sua presença no enredo sobre a História do Carnaval Carioca da seguinte maneira: “A verdade é que Chica da Silva deixou de ser um detalhe de um episódio para ser um tipo do carnaval, conhecido mundialmente. Por isso, promovemos a sua volta”. Resumindo a fala do artista, Isabel Valença foi elevada pelos artistas salgueienses à condição de história viva do carnaval, personagem mítico que insistia em não

morrer.

No decorrer dos anos, Isabel seguiu sendo reverenciada e fotografada a cada carnaval. Em 1968, cinco após o sucesso de Xica da Silva, a artista ainda aparecia referenciada como a escravizada do Tijuco numa reportagem da revista *O Cruzeiro*, naquele carnaval ela viveu outra personagem título, a mineira Dona Beja. Outras figuras históricas também foram vivadas por Isabel, sempre representando a principal personagem feminina do tema a ser desenvolvido, deste modo ela interpretou a Princesa Isabel na “História da liberdade do Brasil” (1967), Tia Ciata em “Praça Onze” (1970) e Ana da Paz em “Festa para um rei negro” (1971).

Em 1974, outro figurino histórico e deslumbrante. A longa cauda da Rainha de Médiçi ladeado por vários súditos daquela rainha, concebida por Joãozinho Trinta. Em 1975, novamente chama atenção como Rainha de Sabá no enredo sobre “As minas do rei Salomão”, também de Joãozinho. Durante a década de 1980, incorporou mais uma vez sua Xica da Silva em duas oportunidades, em 1984 (Skindô, skindô) e 1989 (Templo negro em tempo de consciência negra), em enredos que falavam sobre a própria história do Salgueiro e sua ligação com a negritude.

6. As muitas permanências de Isabel Valença

O lugar ocupado por Isabel na história do samba e da cultura carioca é sui generis enquanto mulher negra. Sua atuação fugiu de estereótipos e a consolidou com uma das raras figuras racializadas a estampar as capas de revistas nas décadas de 1960. Atualmente, seu nome pouco é pouco lembrado, marcando um apagamento de uma figura pioneira e fundamental da cultura carioca. Procuramos lançar luzes sobre a participação de Isabel Valença na consolidação do papel dos destaques como elementos importantes em um desfile de escola de samba, no caso,

o G. R. E. S. Acadêmicos do Salgueiro. Outro assunto tratado foi a questão do luxo nas escolas de samba, aspecto que na década de 1960 passou a ocupar espaço nos jornais e revistas, tornando-se uma espécie de fetiche midiático no discurso construído sobre essas agremiações, especificamente no que diz respeito aos custos da fantasia utilizada por Isabel Valença na caracterização do personagem Xica da Silva, de 1963, no Salgueiro.

Isabel Valença contribuiu para a sedimentação do conceito de destaque de luxo nas escolas de samba. Esse fenômeno teve como um dos fatores a presença amplamente documentada de Isabel Valença no desfile salgueirense de 1963. Fato que impulsionou um episódio ocorrido em 1964, ano em que a destaque salgueirense rompeu as barreiras da Avenida e subiu à passarela do Theatro Municipal para a conquista do primeiro lugar no concurso do Baile de Gala do templo maior dos espetáculos da elite carioca. Façanha que revelou questões ligadas ao racismo, insuflando discursos de que uma negra de escola de samba não poderia figurar entre as desfilantes das passarelas do Theatro Municipal junto com outros concorrentes dessa concorrida disputa que desde os anos de 1930 reunia trajes luxuosos vestidos por integrantes da burguesia carioca. Levada novamente à Avenida, no carnaval do quarto centenário do Rio de Janeiro, Isabel Valença passou a habitar o imaginário carnavalesco da cidade. Tornou-se mediadora entre o asfalto do samba e a passarela dos concursos. Depois de Isabel, a folia carioca – e a cultura da cidade – nunca mais foram os mesmos.

Figura 4: Isabel Valença em roupas simples segurando a fantasia de Xica da Silva



Acervo do Departamento Cultural do
G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro

NOTAS

ⁱ Trecho do samba-enredo "Xica da Silva", com o qual os Acadêmicos do Salgueiro desfilaram em 1963, de autoria de Noel Rosa de Oliveira e Anescarzinho.

ⁱⁱ Utilizamos a grafia com "X", de acordo com os registros originais cunhados pelo autor do enredo do GRES Acadêmico do Salgueiro, o carnavalesco Arlindo Rodrigues. Nas matérias e outros textos referentes a esse carnaval que não são de nossa autoria, a grafia com "Ch" é preservada.

ⁱⁱⁱ "Ela se chama Isabel Valença, mas desde o dia que fez sucessos no desfile (...) ganhou o nome da mulata (...) ficou sendo Chica da Silva. Para o grande público, para a família e até mesmo para o papagaio que tem em casa. Chica da Silva para todo mundo." (O Cruzeiro, 07/03/1964)

^{iv} Período de transformações ocorridos no carnaval das escolas de sambas na década de 1960 que teve a agremiação Acadêmicos do Salgueiro como protagonista, sobretudo a partir da utilização de temáticas negras e a atuação dos cenógrafos Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues. Ver mais em "Sal60: uma revolução em vermelho, branco e negro" (2021).

^v Destaque é um termo cunhado no universo das escolas de samba para designar componentes com fantasias de luxo ou de originalidade representando personagens centrais dos enredos dessas agremiações carnavalescas (SOUSA, 2018).

^{vi} É recorrente nos periódicos entre 1959 e 1963 os sucessivos atrasos nos inícios dos desfiles, além de uma desordem na separação entre público e pista.

^{vii} Ressaltamos que os desfiles já haviam

ocupado o eixo da Avenida Presidente Vargas entre 1946 e 1956, mas num contexto diferente que não atribuía tanto prestígio às escolas de samba. Já que em 1963, o percurso foi ampliado e deslocado para a área entre a Igreja da Candelária e a Avenida Passos.

^{viii} O feito cristalizado na historiografia carnavalesca (COSTA, 1984; CABRAL, 2011; FABATO e SIMAS, 2015) pode e deve ser relativizado, como aponta Faria (2014), a temática negra já havia aparecido em algumas apresentações. O elemento principal nesse momento, nos parece, é o acoplamento dessa temática a uma estética mais contemporânea e conectada a um campo de discussão intelectual, ligado a uma esquerda revolucionária e ao movimento negro.

^{ix} O quesito enredo nem sempre foi entendido como fio-condutor narrativo que costura elementos visuais e sonoros num desfile de escola de samba, como apontam Simas e Fabato (2015). Seria apenas no final da década de 1930, que esse entendimento totalizante começaria a ser percebido, ainda que timidamente. A atuação de Nelson Andrade no Acadêmicos do Salgueiro é exemplar na preocupação com a noção de uma narrativa linear e elemento unificador, pelo menos a partir de 1959 (Debret). Assim, o desfile sobre Xica da Silva não seria exatamente o percussor deste estilo que definira parte importante da linguagem das agremiações, mas se tornaria um marco pela excelência com a qual trabalharia e amarraria esses preceitos.

^x Alcinha utilizada pela autora para retratar Xica da Silva, e convertida em verso do samba de Noel Rosa de Oliveira e Anescarzinho

^{xi} Para termos uma noção desse valor, um apartamento no bairro do Catete, zona sul

do Rio de Janeiro, era oferecido nos classificados do Jornal do Brasil da edição de 1º de março de 1963, pelo valor de 3 milhões e trezentos mil cruzeiros. Isto é, o dinheiro investido no carnaval do Salgueiro daria para comprar mais que dez apartamentos equivalentes e a fantasia de Isabel Valença teria custado cerca de um terço da quantia.

xii Verificamos pelas imagens de Isabel Valença durante o desfile que houve certo exagero no cálculo da altura da peruca, estimada em um metro e dez centímetros. De acordo com a matéria veiculada na edição do Correio da Manhã de 2 de março de 1963, o adereço media 55 centímetros, número bem mais compatível com a proporção evidenciada nas fotografias.

xiii Trecho do samba da Imperatriz Leopoldinense, carnaval de 1983. Autores: Matias de Freitas, Carlinhos Boemia e Nelson Lima.

xiv Mano Elói teve também forte ligação com o morro da Serrinha, com trabalhadores do Cais do Porto do Rio de Janeiro e, consequentemente com o Império Serrano. Foi eleito o primeiro Cidadão Samba, em 1936, pela União Geral das Escolas de Samba do Brasil (UGESB). Sobre o percurso e a importância de Mano Elói no mundo do samba ver SILVA, 2015.

xv O teor do artigo revoltou os salgueirenses. Segundo Costa (1984, p. 132) a escola redigiu um protesto formal entregue ao consulado dos Estados Unidos, além de um texto em resposta à revista, que não chegou a ser publicado.

xvi Neste concurso, Wilza Carla competiu na categoria luxo feminino com a fantasia “Sinfonia de Inverno”.

xvii Para aprofundar a discussão racial levantada nesse episódio, ver STOREY (2015), especificamente no capítulo “‘Raça’, Racismo e Representação” (pp. 333-364).

xviii Documentário produzido em 2013 pelo Jornal Extra, por ocasião dos 60 anos de fundação do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro.

BIBLIOGRAFIA

ANTAN, Leonardo. **Laroyê Xica da Silva:** narrativas encruzilhadas de uma incorporação no carnaval carioca. Nova Iguaçu: Carnavalize, 2021.

BEZERRA, D. A. **Trajetória da internacionalização dos carnavais do Rio de Janeiro:** as escolas de samba, os bailes e as pândegas das ruas (1946-1963). Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016.

BRUNO, Leonardo. **Explode, coração:** histórias do Salgueiro. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2013.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

CABRAL, S. **As escolas de samba do Rio de Janeiro.** São Paulo: Lazuli Editora, 2011.

COSTA, Haroldo. **Salgueiro:** academia do samba. Rio de Janeiro: Record, 1984.

DA MATTA, R. **O que faz o Brasil Brasil?**

Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

55-72, nov. 2015.

FABATO, F.; SIMAS, L. A. **Pra tudo se começar na quinta-feira** – o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

FARIA, G. J. M. O G.R.E.S **Acadêmicos do Salgueiros e as representações do negro nos desfiles das escolas de samba da década de 1960**. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FARIA, Guilherme José Mota. História e memória: a construção do mito Isabel Valença, a Chica da Silva do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro pela imprensa carioca. **Clio - Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 31.1, 2013. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/view/312>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MIRANDA, Ana. **Xica da Silva: a Cinderela Negra**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SANTOS, J. F. **Memórias do Distrito Diamantino**. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1978.

_____. **Escritos carnavalescos**. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano. 2012. p.133-141.

SOUSA, João Gustavo Martins Melo de. **Vestidos para brilhar: uma epopeia dos grandes destaques do Carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Editora Rico, 2018.

GONZALES, Leila. **Por um feminino afro-latino americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

PAMPLONA, F. **O encarnado e o branco**. Rio de Janeiro: Editora Nova Terra, 2013.

KIFFER, Daniele; FERREIRA, Felipe. Isto faz um bem: as escolas de samba, a Coca-Cola, a “invasão da classe média” no carnaval carioca dos anos 50. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.

STOREY, J. **Teoria cultural e cultura popular: uma introdução**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

VILHENA, L. R. **Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964**. Rio de Janeiro: Funarte/ FGV, 1997.